

## PATRIMÔNIO E EDUCAÇÃO: COVID E AS ESTÁTUAS MASCARADAS NAS RUAS DO RIO

Ana Paula Cavalcante Lira do Nascimento<sup>1</sup>

Jacqueline de Cassia Pinheiro Lima<sup>2</sup>

Fernanda de Fátima Fernandes Pereira<sup>3</sup>

### RESUMO

Este artigo tem a intenção de discutir o uso de elementos do patrimônio cultural material em uma campanha desenvolvida pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro durante a pandemia de Covid-19. A campanha citada incentivava o uso de máscaras e utilizou como elemento 40 estátuas, distribuídas pelas ruas e bairros da região metropolitana do Rio de Janeiro, como elementos educativos. Considerando o conceito de patrimônio como um processo em constante construção social podemos afirmar que, ao analisar os usos e desusos do patrimônio estamos, por fim, estudando as sociedades que o produzem. O patrimônio é um laboratório da memória e a cidade, o campo educativo desta ação. Assim, o aporte teórico desse artigo busca aliar os conceitos de memória, patrimônio, educação e cidade a partir da contribuição de Todorov (2002), Freire (1996; 2001), Novais (2010), entre outros.

**Palavras-chave:** Patrimônio material, Ação educativa, Covid-19, Máscara.

### INTRODUÇÃO

Mas viveremos  
Já não há mãos dadas no mundo.  
Elas agora viajarão sozinhas.  
Sem o fogo dos velhos contatos,  
que ardia por dentro e dava coragem.

Carlos Drummond de Andrade

Um ano após o início de uma pandemia de Sars-Cov-2 o poema de Drummond explicita um dos grandes impactos na convivência cotidiana dos seres humanos: a interdição do contato físico. Mãos dadas, abraços, proximidade. Em contrapartida a expressão idiomática *dar as mãos* tem sido valorizada em seu sentido mais coletivo e social. Um sentido que faz referência a união, companheirismo, ao cuidado e respeito.

<sup>1</sup> Doutora em Humanidades, Culturas e Artes (Universidade do Grande Rio) - RJ, [apcln@hotmail.com](mailto:apcln@hotmail.com);

<sup>2</sup> Pós-doutora em Cognição e Linguagem (UENF), Pós-doutora em História (UERJ), Doutora em Sociologia (IUPERJ), Mestre em História Social da Cultura (PUC/RJ) - RJ, [jacapili.jl@gmail.com](mailto:jacapili.jl@gmail.com);

<sup>3</sup> Doutoranda do PPG de Humanidades, Culturas e Artes da Universidade do Grande Rio - RJ, [fernandesfernanda2018@hotmail.com](mailto:fernandesfernanda2018@hotmail.com);

Esse último sentido tem sido bastante explorado como detonador na construção de práticas de prevenção básica de combate ao Covid-19 (distanciamento social e uso de máscaras), e que não faziam parte de atitudes cotidianas de centenas de brasileiros.

A teoria do *habitus* de Bourdieu, utilizada nesse contexto pandêmico, auxilia na compreensão que atitudes individuais e coletivas são construções sociais. E que a educação pode ser compreendida como fenômeno e como processo. Àquele é multimodal e multilocal. Assim, extrapola – e muito – o espaço formal de ensino. Em relação ao processo de ensino-aprendizagem tem como uma das características a noção de permanência e continuidade, ou inacabamento (Freire, 2001). A aprendizagem está contida nesse processo e torna-se perceptível através da mudança de comportamento dos indivíduos. Nesse sentido, integrasse ao processo educativo as ações que incentivam na construção do *habitus*.

Por compreendemos *habitus* compreendemos um:

[...] sistema de esquemas individuais, socialmente constituído de disposições estruturadas (no social) e estruturantes (nas mentes), adquiridos nas e pelas experiências práticas (em condições sociais específicas de existência), constantemente orientado para funções e ações do agir cotidiano. (SETTON, 2002, p. 63)

Durante a pandemia percebemos como o processo de construção do *habitus* é complexo e exige um investimento de longo prazo. Do esclarecimento da necessidade do uso à inserção na prática cotidiana, o uso das máscaras de proteção tem sido um processo complexo, atravessado por discussões sobre o direito ao exercício de liberdade individual a atitudes de deslegitimação do discurso científico (ABUD; SOUZA, 2020). Assim, nosso interesse nesse estudo é voltado para ações educativas do uso de máscaras, desenvolvidas em espaços urbanos, no cotidiano das cidades, a partir da utilização do patrimônio cultural material inserido nas experiências práticas do cotidiano da urbe. Esse interesse é traduzido na análise de como, para quê e para quem essas ações são planejadas e esses patrimônios são utilizados.

Portanto, essa pesquisa foi organizada para responder a seguinte questão: quais as justificativas para o uso de estátuas cariocas em meio a pandemia de covid-19? De que forma um projeto idealizado com a finalidade de mascarar símbolos de uma cidade dialoga com ações efetivas de combate ao Covid-19?

Como mobilizador desse tema temos a campanha pelo uso de máscaras idealizado pelo Gabinete de Crise contra a Covid-19 do governo Crivella, no Rio de Janeiro. Com

duração de 10 dias após o decreto municipal n. 47375/2020. Como caminho metodológico optamos por uma pesquisa qualitativa e descritiva. Dessa forma, a primeira etapa consistiu na busca de matérias publicadas em jornais online com o tema proposto. Os jornais pesquisados foram: Jornal do Comércio, Jornal da Prefeitura do RJ (Rio Faz), Jornal Globo, Diário do Rio, Veja Rio. A análise do material selecionado teve como objetivo principal compreender os motivos da ação educativa e da reação da população.

### **Estátuas mascaradas e suas narrativas**

No período inicial da pandemia da Covid-19 no Rio de Janeiro, em abril de 2020, o então prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella, fez com que uma campanha (Prefeitura no combate ao corona) para a conscientização da população carioca acontecesse, com o objetivo de tentar conter o avanço do número de casos de pessoas que haviam contraído o vírus no estado. Seguindo a estratégia usada por outros países, o prefeito fez com que, no dia 23 de abril de 2020, data em que também entrou em vigor o Decreto nº 47.375, de 18/04/20, mais de quarenta estátuas dispostas no espaço público de ruas do Rio de Janeiro tivessem seus rostos cobertos por uma máscara de proteção contra o vírus, com a finalidade de chamar a atenção da população para um problema que já se mostrava como bastante preocupante para toda a população. Além de cobrir os rostos dessas estátuas, eram afixados em suas proximidades um aviso onde se lia a seguinte inscrição: “Se tá fora de casa, tem que usar máscara. É obrigatório.”

Tais estátuas permaneceram com os rostos cobertos por dez dias, e dentre elas destacamos a estátua de Abelardo Barbosa (Chacrinha), na Lagoa, a estátua de Carlos Drummond de Andrade, localizada na orla de Copacabana, a estátua de Bellini, no Maracanã, a estátua de Noel Rosa, em Vila Isabel, a de Gandhi, no centro do Rio, o monumento em homenagem ao sambista Cartola, na Mangueira, e a estátua de Zumbi dos Palmares, também localizada no centro do Rio de Janeiro.

Foto 1 - Estátua mascarada de Abelardo Barbosa (Chacrinha) no bairro da Lagoa (RJ)



Fonte: PMRJ (2020) / fotospublicas.com

O decreto previamente citado havia sido publicado no Diário Oficial do Município, no dia 18 de abril de 2020, e demandava da população o uso obrigatório de máscara protetora facial em locais públicos, assim como também em transportes públicos. Anexa a tal decreto foi publicada uma cartilha que orientava as pessoas para a confecção de máscaras de tecido, além de também explicar como tais máscaras deveriam ser higienizadas. Além disso, máscaras descartáveis de proteção começaram a ser distribuídas à população em locais como as estações do BRT e as estações de metrô.

Na época foi criado um Gabinete de Crise contra a Covid-19, que teve como gestor o então Secretário Municipal de Ordem Pública, Gutemberg Fonseca, o qual destacou a importância dessa campanha de conscientização.

Como o número de ocorrências de pessoas infectadas não diminuiu, o então governador do estado, Wilson Witzel, sancionou a Lei Estadual nº 8.859, de 03/06/2020, lei essa publicada no Diário Oficial do Estado em 04/06/20, a qual determinava o uso obrigatório de máscaras de proteção em locais públicos enquanto vigorasse o estado de calamidade pública no Rio de Janeiro. O cidadão que desrespeitasse essa lei era multado em R\$106,00, e caso ele incorresse em reincidência, a multa passava a ter o valor de R\$ 1.065,00.

**Por que estátuas do espaço urbano foram usadas na campanha?**

Sabe-se que os monumentos escultóricos tradicionais têm, em geral, uma demanda social e são significativos da relação de cada momento no tempo e no espaço. De acordo com o que nos ensina Novais (2010, p. 42), serviram eles, por muitos séculos, para demarcar “espaços da cidade, testemunhando o que aí se fez e o que ali ocorreu.” Porém, a análise sobre o patrimônio cultural material deve percorrer a trilha da criticidade. Isso porque o patrimônio, como uma metamorfose ambulante, é um instrumento do social de dois gumes.

Isso significa que os acervos patrimônios podem ser utilizados para finalidades até contraditórias. Para Todorov (2002) o passado deixa rastros. Esses rastros podem ser classificados em dois tipos distintos: os rastros “mnésicos” e os rastros “no mundo”. Enquanto estes marcam sua permanência através dos vestígios materiais, aqueles sobrevivem na mente dos seres humanos

A escultura no espaço público tem caráter simbólico, assim como também tem poder de representação do espaço social com um conteúdo humano, e mostra ter um certo comprometimento com os lugares em que se encontram, mostrando seu conteúdo social e cultural, assim como também suas dimensões práticas, sociais, psicológicas, econômicas, e, até mesmo políticas.

No entanto, esses vestígios tem em comum a intencionalidade de seus usos. Ou seja, há um trabalho de seleção desses rastros. Quais são os fatos e acontecimentos escolhidos? As personalidades destacadas e até o processo de hierarquização e disposição desses rastros. O uso prático ou a instrumentalização do passado no presente tem como função atingir objetivos na atualidade tais como os “desejos de agir no presente, de mudar o mundo, e não só conhecê-lo”. O passado, então, depois de passar por um processo de reconhecimento e interpretação será um utilitário a partir do proceder de “pessoas privadas, que põem o passado a serviço de suas necessidades do presente, mas também os políticos, que relembram os fatos do passado para alcançar objetivos próprios”. (TODOROV, 2002, P. 149-150)

O que o autor deixa claro é que, nem sempre o culto à memória serve às causas humanísticas mais nobres. Podem ocorrer processos de desvirtualização e neutralização dessas finalidades. Por isso, em relação à memória, o risco de polarização sempre está à espreita. Por um lado, pode ser uma reminiscência isolada radicalmente (sacralização) e, por outro, pode ser incorporada de forma abusiva no tempo presente (banalização).

É a partir dessa perspectiva de Todorov que problematizamos nesse artigo o uso de uma parte do patrimônio material imóvel da cidade do Rio de Janeiro. Sabemos que essa cidade é detentora de um rico acervo patrimonial. No caso específico de pandemia da Covid-19, o uso das estátuas de figuras consagradas é uma forma de sacralização ou de banalização dessa memória?

Cabe destacar nesse artigo que a relevância do estudo do patrimônio material – nesse caso, das estátuas selecionadas para esta ação educativa - não está restrita a uma análise dos usos em si. Mas, ao estudar esses usos práticos e ideológicos do patrimônio, adentramos no estudo das sociedades que o produzem. Essa é a parte mais importante de estudos sobre esse tema. Analisar de que forma os sujeitos utilizam o acervo patrimonial e/ou as relações desenvolvidas nesse processo.

Na relação específica com a Educação, reencontramos em Paulo Freire (2001) uma ponte para a perspectiva educativa do espaço urbano. Assim como esse teórico, compreendemos a cidade como um território do aprender e sinalizamos a importância dos espaços considerados não formais como espaços de formação humana. Uma formação que não deve ser compreendida como mera transmissão. Ao contrário, os saberes em construção estão em via dupla na dinâmica simultânea do aprender-ensinar.

Dessa forma, destacamos também ações anteriores à campanha da Prefeitura do RJ que utilizaram algumas estátuas escolhidas pelo governo municipal. Uma dessas ações foi realizada pelos moradores do bairro de Copacabana com a estátua de Drummond, em 20/03/2020. Como relatado no site *ofuxico.com*, a ação - em tom de brincadeira – ganhou a adesão de diversas pessoas e rendeu muitas fotografias da população com o monumento.

Em outra, realizada em 06/04/2020 pelo artista plástico Anderson Thives. Ele conta, em matéria publicada pela *Veja Rio*, que a intenção da ação realizada foi injetar esperança nos artistas autônomos que, paralisados diante do panorama da pandemia, como estátuas.

Além dos exemplos do Rio de Janeiro, há registros jornalísticos de ações realizadas em outros estados do Brasil e também em outros países. O blog *Camões TV* escreveu um artigo citando 10 cidades do mundo, tais como: Argentina, Turquia, Inglaterra, etc.

Os casos citados acima, mostram que os monumentos não passaram despercebidos durante a pandemia de Covid-19. Eles foram contextualizados dentro de um momento de

crise epidemiológica dentro e fora do país. Essa contextualização não buscou apenas a adesão ao cumprimento de protocolos de saúde, mas transitou entre a diversão e a manifestação crítica, entre a ação civil e a ação política, entre a ação individual e a coletiva.

Mas voltando nosso foco à campanha municipal carioca, buscamos sintetizar o impacto da ação através de reportagens publicadas pela mídia digital, como veremos a seguir.

### **Impactos registrados na mídia**

A campanha educativa teve repercussão em alguns jornais de grande circulação na cidade do Rio de Janeiro e no próprio periódico da Prefeitura do RJ (Rio Faz). Nos jornais pesquisados buscamos identificar: 1) A identificação do objetivo da campanha educativa; 2) A identificação dos monumentos e a disposição geográfica; 3) A reação da população.

Quanto à primeira podemos afirmar que, nas matérias jornalísticas selecionadas, a campanha foi realizada para:

- Conscientizar a população;
- Reforçar a exigência da prática do uso de máscara;
- Conter a disseminação do vírus;
- Chamar a atenção da população para o decreto.

Quanto à questão: para quem a campanha foi realizada? Podemos dizer que a população aparece como um sujeito difuso, no qual todos estão incluídos. Destaca-se o caráter educativo visto que não havia previsão de multa aos indivíduos que se recusassem a utilizar esse item de proteção. Essa crítica aparece apenas em matéria no Diário do Rio. O único que enfatiza esse ônus aos comerciantes pelo descumprimento do uso de máscaras em seus estabelecimentos.

É perceptível a falta de problematização, na época, de outros atravessamentos quanto à obrigatoriedade do uso de máscaras como, por exemplo, a demanda desse material no mercado (insuficiente, inclusive, para os profissionais da saúde) e a alta de preços derivada dessa escassez de máscaras cirúrgicas. Também as discussões a respeito da problemática do isolamento social e da manutenção de empregos, da concessão do auxílio emergencial, do surgimento de fake news associados ao uso das máscaras, etc.

Quanto à disposição geográfica dos monumentos utilizados na campanha da Prefeitura do Rio de Janeiro, há um destaque maior nas reportagens dos monumentos localizados em bairros da Zona Sul. Mas não foi possível mapear todos eles. Entramos em contato com a secretaria de ordem pública em busca da lista completa, mas não houve sucesso.

Por fim, em relação ao impacto na população, a única matéria que cita um comentário foi publicada pelo O Dia online. Nessa, a reação do entrevistado em relação à ação da prefeitura foi positiva, sendo considerada como relevante visto que muitas pessoas não estavam se protegendo (no caso, usando máscaras). O uso dos monumentos foi considerado como um bom exemplo ou um caminho viável de conscientização porque esses monumentos são famosos por serem cartões-postais da cidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia de utilizar as estátuas públicas para fazer a campanha de máscaras de proteção é bastante significativa, uma vez que, como estão expostas em espaços públicos, muitas pessoas por elas passam e também por elas são atraídas. Apesar de serem imóveis, têm elas um poder de expressão muito grande, tanto por causa de seu tamanho, como também por sua significação, e talvez por essa razão, o ex-prefeito Marcello Crivella tenha pensado em utilizá-las como instrumento de divulgação da referida campanha. Mas a campanha não alcançou o objetivo principal que era o de convencer as pessoas a usarem a máscara de proteção, prática que, uma parte da população simplesmente ignorou, por não acreditar em sua eficácia.

A campanha, além de não ter uma divulgação extensa nas mídias eletrônica, teve uma duração curta (10 dias), insuficiente para ser considerada como parte do processo de formação do *habitus* da população carioca. Não podemos desconsiderar, entretanto, a potencial educativo desses monumentos espalhados pela cidade. Como objeto de uma importante campanha de saúde, os monumentos foram utilizados pelo poder estatal como uma possível via de conscientização. No entanto, não devemos retirar de nossa análise a escolha dos idealizadores da campanha pela utilização de figuras inertes. A “leitura” dessa ação pelos cariocas não desconsiderou a postura contraditória do, então, prefeito da cidade que defendia reabertura de escolas, por exemplo. Daí a falta de relatos da reação da população nas matérias jornalísticas. A ação torna-se mais significativa quando

conduzida por moradores de um bairro do Rio de Janeiro ou através de uma intervenção crítica artística.

Por fim, consideramos que, apesar das dificuldades relatadas, os monumentos fazem parte da dinâmica da cidade. Eles são vestígios materiais que, através de movimentos de ressignificação, são reavivados nas mentes dos sujeitos que transitam pelos espaços nos quais esses monumentos estão distribuídos.

## REFERÊNCIAS

- ABUD, C. O.; SOUZA, L. P. de. Uso obrigatório de máscara facial para conter a COVID-19 no Brasil: limitação legítima ao direito fundamental de autodeterminação. **Vigilância Sanitária em Debate: Sociedade, Ciência & Tecnologia (Health Surveillance under Debate: Society, Science & Technology) – Visa em Debate**, [S. l.], v. 8, n. 3, p. 34-43, 2020. DOI: 10.22239/2317-269X.01651. Disponível em: <https://visaemdebate.incqs.fiocruz.br/index.php/visaemdebate/article/view/1651>. Acesso em: 26 set. 2021.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. Nova reunião: 23 livros de poesia, 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 182-184.
- BASTOS, Maurício. Secretário Municipal de Ordem Pública é acusado de participar de festa na Zona Oeste. BandNewsFMRio. 11 mai. 2020. Disponível em: <https://bandnewsfmrio.com.br/editorias-detalhes/secretario-municipal-de-ordem-publica-e-acusa>. Acesso em: 27 jul. 2021.
- Cristo Redentor ‘usa’ máscara facial para conscientizar população sobre Covid-19. Jornal do Comércio. 05 mai. 2020. Disponível em: [https://www.jornaldocomercio.com/\\_conteudo/galeria\\_de\\_imagens/2020/05/737439-cristo-redentor-usa-mascara-facial-para-conscientizar-populacao-sobre-covid-19.html](https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/galeria_de_imagens/2020/05/737439-cristo-redentor-usa-mascara-facial-para-conscientizar-populacao-sobre-covid-19.html). Acesso em: 27 jul. 2021.
- DIÁRIO OFICIAL DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO. Ano XXXIV, n. 27. 18 abril de 2020. Decreto municipal n. 47375/2020. Torna obrigatório o uso de máscaras de proteção facial, como medida complementar à redução do contágio pelo Sars-Cov-2, e dá outras providências. Disponível em: <https://epge.fgv.br/files/default/decreto-47375-21-03.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2021.
- FREIRE, P. Educação permanente e Cidades educativas. In: **Política e Educação**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

NOVAIS, N. *Escultura e cidade: Uma relação ampliada no âmbito da contemporaneidade*. In: Cultura Visual, n. 14, dezembro/2010, Salvador: EDUFBA, p. 41-52

OLIVEIRA, Mônica. *Qual o papel da escultura pública para a educação do cidadão?* European Review of Artistic Studies. vol. 6, nº 2, pp. 54-67. ISSN 1647-3558. 2015. Disponível em: JUN INTER 2015.pdf (ucp.pt). Acesso em 08 ago. 2021.

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. Coronavírus: Estátuas da cidade amanhecem com “máscaras” em ação para fortalecer decreto do prefeito obrigando uso do adereço. Rio Faz notícia. 23 abr. 2020. Disponível em: <https://prefeitura.rio/cidade/coronavirus-estatuas-da-cidade-amanhecem-com-mascaras-em-acao-para-fortalecer-decreto-do-prefeito-obrigando-uso-do-adereco/>. Acesso em: 23 ago. 2021

SÁ, Salma Dias Almeida. *As cidades, os monumentos públicos e suas relações com o social*. Trabalho apresentado no III ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, realizado entre os dias 23 a 25 de maio de 2007, na Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-Bahia-Brasil. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2007/SalmaDiasAlmeidaSA.pdf>. Acesso em 09 ago. 2021.

TODOROV, Tzvetan. *Memória do mal, tentação do bem: indagações sobre o século XX*. São Paulo: Arx, 2002.